
A INTERIORIZAÇÃO DE MIGRANTES VENEZUELANOS EM RORAIMA: COMPLEXIDADES E PERSPECTIVAS

THE INTERNALIZATION OF VENEZUELAN MIGRANTS IN RORAIMA: COMPLEXITIES AND PERSPECTIVES

LA INTERNALIZACIÓN DE MIGRANTES VENEZOLANOS EN RORAIMA: COMPLEJIDADES Y PERSPECTIVAS

Márcia Maria de Oliveira¹

<http://lattes.cnpq.br/8199304840769363>
<https://orcid.org/0000-0001-5511-0942>

João Paulo Roberti Junior²

<http://lattes.cnpq.br/2469361629650438>
<https://orcid.org/0000-0002-1489-5330>

Tiago Siqueira Reis³

<http://lattes.cnpq.br/1024015022937293>
<https://orcid.org/0000-0001-9115-1231>

Francilene dos Santos Rodrigues⁴

<http://lattes.cnpq.br/2515655261582669>
<https://orcid.org/0000-0003-1618-3684>

João Pedro Malmegrim Moraes⁵

<http://lattes.cnpq.br/1852836099510906>
<https://orcid.org/0009-0005-7715-8898>

RESUMO: O artigo aborda os impactos e desafios enfrentados pelos migrantes venezuelanos em Boa Vista, Roraima, com foco no programa de interiorização promovido pelo governo brasileiro. A partir de entrevistas com migrantes que participaram do processo de interiorização, são discutidas as dificuldades de adaptação, revalidação de documentos e inserção no mercado de trabalho. O texto revela que muitos migrantes preferem permanecer em Boa Vista (RR), apesar das dificuldades, devido à falta de garantias de melhores condições em outras regiões do Brasil. Além disso, a pesquisa destaca as tensões e conflitos nas políticas de

¹ Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-graduação em Sociedade & Fronteiras, Boa Vista, RR, Brasil. E-mail: marcia.oliveira@ufr.br.

² Universidade Federal de Roraima, Centro de Educação, Curso de Psicologia, Boa Vista, RR, Brasil. E-mail: joao.junior@ufr.br.

³ Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-graduação em Sociedade & Fronteiras, Boa Vista, RR, Brasil. E-mail: tiago.reis@ufr.br.

⁴ Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-graduação em Sociedade & Fronteiras, Boa Vista, RR, Brasil. E-mail: francerodrigues@yahoo.com.br.

⁵ Universidade Federal de Roraima, discente do Programa de Pós-graduação em Sociedade & Fronteira, Boa Vista, RR, Brasil. E-mail: joapedromalmegrim@hotmail.com.

governança migratória local e a influência de políticas migratórias top-down, que frequentemente não consideram a participação ativa dos migrantes nas decisões. O estudo conclui que a interiorização, embora ofereça suporte imediato, muitas vezes desarticula redes de apoio locais e pode gerar mais desafios do que soluções para os migrantes.

Palavras-Chave: Políticas migratórias; Interiorização; Roraima; Migrantes venezuelanos.

ABSTRACT: The article addresses the impacts and challenges faced by Venezuelan migrants in Boa Vista, Roraima, focusing on the internalization program promoted by the Brazilian government. Based on interviews with migrants who participated in the internalization process, the difficulties of adaptation, document revalidation, and entry into the labor market are discussed. The text reveals that many migrants prefer to remain in Boa Vista (RR), despite the difficulties, due to the lack of guarantees of better conditions in other regions of Brazil. Furthermore, the research highlights the tensions and conflicts in local migration governance policies and the influence of top-down migration policies, which often do not consider the active participation of migrants in decision-making. The study concludes that internalization, while offering immediate support, often disrupts local support networks and may create more challenges than solutions for migrants.

Keywords: Migration policies; Internalization; Roraima; Venezuelan migrants.

RESUMEN: El artículo aborda los impactos y desafíos que enfrentan los migrantes venezolanos en Boa Vista, Roraima, centrándose en el programa de internalización promovido por el gobierno brasileño. A partir de entrevistas con migrantes que participaron en el proceso de internalización, se discuten las dificultades de adaptación, revalidación de documentos e inserción en el mercado laboral. El texto revela que muchos migrantes prefieren permanecer en Boa Vista (RR), a pesar de las dificultades, debido a la falta de garantías de mejores condiciones en otras regiones de Brasil. Además, la investigación destaca las tensiones y conflictos en las políticas de gobernanza migratoria local y la influencia de políticas migratorias de arriba hacia abajo (top-down), que frecuentemente no consideran la participación activa de los migrantes en las decisiones. El estudio concluye que la internalización, aunque ofrece apoyo inmediato, a menudo desarticula redes de apoyo locales y puede generar más desafíos que soluciones para los migrantes.

Palabras-Clave: Políticas migratorias; Internalización; Roraima; Migrantes venezolanos.

INTRODUÇÃO

A migração venezuelana em Roraima tem se intensificado nos últimos anos, trazendo à tona desafios e dinâmicas complexas. Com o objetivo de atualizar e aprofundar as análises

sobre essa questão migratória sob uma perspectiva interdisciplinar, este estudo foca na interiorização dos migrantes venezuelanos. Este trabalho é parte integrante do Plano de Atividades do Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação, vinculado ao Projeto Emergencial de Consolidação Estratégica dos Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* acadêmicos (PDPG/CAPES). Envolvendo estágios de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras (PPGSOF/UFRR). A pesquisa foi impulsionada pela necessidade de aprofundar os dados do relatório do Monitoramento da População Venezuelana (DTM), publicado no início de 2023 pela Organização Internacional para as Migrações (OIM), que abordou temas sensíveis, especialmente a interiorização.

Neste sentido, paralelamente à análise do relatório da OIM, realizou-se uma pesquisa de campo com o objetivo de aprofundar os dados do presente relatório, tendo em vista que ele tocou em temas sensíveis e em especial sobre o processo da interiorização. Foram entrevistados 937 migrantes em ocupações espontâneas⁶, locais de trabalho informal⁷, nos arredores da rodoviária de Boa Vista/RR, no saguão de desembarque do Aeroporto Internacional de Boa Vista - Atlas Brasil Cantanhede e em algumas “maticas⁸”, entre maio de 2023 e maio de 2024, com o objetivo principal de aprofundar o tema da interiorização. Portanto, este estudo apresenta resultados parciais do panorama complexo e multifacetado sobre a interiorização dos migrantes venezuelanos em Roraima.

Este estudo seguiu rigorosamente as diretrizes éticas estabelecidas para pesquisas com seres humanos e todos os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa, e o consentimento informado foi obtido antes da coleta de dados. A confidencialidade e o anonimato dos participantes foram garantidos em todas as etapas do estudo e os respectivos nomes foram suprimidos (trocados).

A pesquisa permitiu observar as novas dinâmicas de interiorização e ouvir os migrantes em processos de interiorização que estavam em Boa Vista/RR. A metodologia quali-quantitativa (Rodrigues et al., 2021) utilizou métodos que aproximam os dados

⁶ Espaços ocupados pelos migrantes para garantia do direito à moradia. Uma delas fica em um terreno que faz limite com o campus Paricarana da UFRR. As ocupações estão em diversos pontos da cidade, conforme relatório do ACNUR. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2023/06/23/grupo-de-venezuelanas-se-organiza-para-ter-acesso-a-terra-e-a-moradia-em-roraima/>. Acesso em 20/04/2024.

⁷ Especialmente em locais de venda de produtos alimentícios, como pipoca e algodão-doce, e produtos de utilidade doméstica como pano de prato, raquete elétrica para matar mosquitos. As diversas praças da cidade e a orla do Rio Branco foram os principais locais de realização da pesquisa.

⁸ “Matica” é uma categoria nativa venezuelana referindo-se ao espaço sob a sombra de uma ou várias árvores onde os migrantes esperam trabalho temporário. Foram selecionadas três maticas localizadas no bairro Cidade Satélite, zona oeste de Boa Vista: A Matica, La Sede e Puesto el Índio (Angelo, 2021, p. 15-16).

empíricos das análises estatísticas (Schneider et al., 2017). Nas entrevistas semiestruturadas, os migrantes foram perguntados sobre as experiências e expectativas de interiorização. Além disso, uma análise qualitativa detalhada foi conduzida em uma parte das entrevistas, proporcionando uma compreensão mais profunda das narrativas e percepções dos migrantes sobre o processo de interiorização.

A pesquisa buscou assim confirmar a crescente conjuntura migratória em Roraima e apresentar elementos que problematizam a questão da interiorização com questões que vão desde a sua dimensão voluntária até a inexistência de um projeto migratório pensado e elaborado pelos migrantes. Os resultados das entrevistas indicam que a interiorização pode contribuir para o retardo de políticas migratórias verdadeiramente efetivas com a participação ativa dos migrantes. A interiorização, apresentada como uma alternativa emergencial, só se justificaria no âmbito das emergências, considerando as proporções em que tem sido realizada em Roraima.

Tais dinâmicas conferem à Amazônia novas singularidades e novos significados interpretados pelos povos em constante mobilização no interior dessa região densa e complexa. Tanto aqueles que chegam como aqueles que partem da Amazônia elaboram suas interpretações e representações tendo como referência a experiência migratória e suas vivências nos mais variados estágios de estranhamento, identificação e pertencimento à região (Oliveira, 2016, p. 327).

Roraima, localizado no extremo norte do Brasil, faz fronteira com a Venezuela e a Guiana, o que o torna uma porta de entrada natural para os migrantes venezuelanos. O estado é caracterizado por uma diversidade geográfica que inclui desde áreas de floresta amazônica até savanas conhecidas como lavrados. Boa Vista, a capital do estado, é o principal ponto de chegada e acolhimento desses migrantes, devido à sua proximidade com a fronteira venezuelana.

Segundo os dados apresentados na plataforma R4V⁹, até maio de 2024, entraram no Brasil 1.092.467 venezuelanos e o saldo é de 568.100 mil venezuelanos. Quantitativamente, o país é o terceiro que mais acolhe a comunidade venezuelana ficando atrás, apenas, da Colômbia e do Peru, respectivamente. A maior parte dos venezuelanos vive em Roraima distribuídos, principalmente, nas cidades de Boa Vista e Pacaraima. Até abril de 2024 haviam sido emitidos 624.312 Cadastros de Pessoas Físicas (CPF's), 132.812 haviam sido reconhecidos como refugiados e 487.627 estavam com autorizações de residência¹⁰.

⁹ R4V, maio de 2024. Disponível em: <https://www.r4v.info/pt/node/91585>.

¹⁰ Dados coletados na plataforma R4V. Fonte:

https://brazil.iom.int/sites/g/files/tmzbd11496/files/documents/2024-06/informe_migracao-venezuelana_jan17-abr24.pdf. Acesso em 23/06/2024.

Os movimentos migratórios decorrentes da sua configuração de Roraima como última fronteira do agronegócio, da garimpagem ilegal em terras indígenas e, em parte, da migração venezuelana levou o estado a apresentar um dos maiores crescimentos demográficos. Grande parte da população do Estado, ou seja, 413.486 pessoas vivem em Boa Vista, representando, aproximadamente, mais de 65% da população (IBGE, 2023). Estima-se que mais de 100 mil nacionais venezuelanos vivem e ou transitam no estado demandando serviços e políticas sociais. Dessa forma, é que a interiorização da população migrante/venezuelana se tornou uma estratégia, primeiro, das ONGs religiosas e, a partir de 2018, estratégias de interiorização da Operação Acolhida (Sarmiento; Rodrigues, 2018; 2020).

O protagonismo das ONG'S enquanto redes de acolhimento e assistência aos migrantes contribuiu para o registro da temporalidade das redes de ajuda, assistência e acolhimento e de uma história antecedente, “extraoficial”, da acolhida no Estado. Desta forma, é possível dar visibilidade a articulação e às ações da sociedade civil local frente ao descaso das autoridades com relação ao tema, que se mostrou uma tarefa fundamental, por permitir conhecer várias experiências e memórias da acolhida que ficaram subsumidas às “grandes narrativas” do acolhimento produzidas no âmbito das Agências e das Forças Armadas (Sarmiento; Rodrigues, 2019)

Segundo Sarmiento e Rodrigues (2020) os migrantes passavam a residir num estado de completa vulnerabilidade social, sem receber nenhuma forma de atenção das autoridades. Esta primeira fase do Acolhimento, realizada entre 2016-2017 foi marcada pelo protagonismo de entidades religiosas, católicas e evangélicas, pela atuação do Sindicato da Construção Civil (SINTRACON) e de iniciativas voluntário-informais de pessoas não necessariamente ligadas ao universo religioso. Essas primeiras ações diziam respeito às campanhas de arrecadação de alimentos e de roupas, a distribuição de alimentos e cestas básicas, fornecimento de orientações e assessoria jurídica aos imigrantes, além da organização de audiências públicas para sensibilizar e pressionar o poder público local sobre as condições desses migrantes (Sarmiento; Rodrigues, 2019; 2020).

No entanto, com o aumento da mobilidade humana e a “omissão planejada” do estado e municípios, a 1ª Vara da Infância e da Juventude determinou o estabelecimento de um centro de acolhimento, inicialmente no ginásio poliesportivo, localizado no Bairro Pintolândia em Boa Vista/RR. O novo lugar passou a ser o primeiro abrigo para migrantes indígenas refugiados Warao em Boa Vista. Enquanto os migrantes indígenas, majoritariamente da etnia Warao, eram precariamente atendidos através do trabalho da ONG Fraternidade Internacional,

que gerenciava o abrigo em parceria com a SETRABES (Secretaria do Trabalho e Bem-estar – Estadual), aumentava o número de migrantes não indígenas que chegavam ao estado e que passavam a ocupar as principais praças e vias da cidade.

Na ausência de qualquer tipo de política ou de atenção à questão migratória pelas autoridades, os “criollos”, venezuelanos não indígenas (pessoas solteiras, famílias com crianças, mulheres grávidas, idosos, entre outros) ficavam à mercê da caridade de particulares e/ou da assistência das diferentes entidades, especialmente as religiosas. Duas coisas chamaram a atenção nessa primeira fase do Acolhimento: primeiro, uma atuação bastante politizada das entidades ligadas à igreja católica cujo escopo das atividades extrapolava o viés meramente caritativo atribuído às iniciativas religiosas. A questão migratória em Roraima confirma as proposições de Avritzer (2012, p. 394) de que a sociedade civil brasileira conta com um forte associativismo religioso que transcende à questão da ajuda, pois muitos movimentos identificados com a Teologia da Libertação atuam também na organização dos “pobres para reivindicar bens públicos”.

Para além do protagonismo de entidades associadas a denominações de caráter ideológico-dogmático distinto, a cooperação inter-religiosa foi outro elemento desse período. Iniciativas de entidades que não possuíam recursos, ou apenas recursos limitados, eram financiadas por denominações mais bem capitalizadas. No campo das organizações financiadoras, a relevância da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (Mórmons) e de organizações espíritas Kardecistas foi destacada por coordenadores de outras entidades religiosas e, inclusive, de organizações não confessionais como sendo uma parceria fundamental. No âmbito da igreja católica, os relatos apontam para iniciativas de algumas paróquias, com destaque para a Igreja da Consolata (em Boa Vista) e a igreja de Pacaraima e, de modo especial, para atuação da Pastoral Universitária, Pastoral dos Migrantes, do Centro de Migração de Direitos Humanos (CMDH – Centro diocesano), Instituto de Migrações e Direitos Humanos (IMDH – Irmãs Scalabrinianas) e a Cáritas, foram citadas como as principais entidades envolvidas. No cenário evangélico, a igreja Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, a igreja Betesta, a igreja Metodista, dentre outras foram citadas. E no contexto de entidades que escapam essa classificação, o papel das entidades Espíritas e da Maçonaria foi bastante ressaltado (Rodrigues, *et. al.*, 2022; Mourão; Rodrigues, 2020)

No segundo momento ou segunda fase do acolhimento, a partir de 2018, constituiu-se em ações humanitárias coordenadas pelas Forças Armadas e pelas Agências Internacionais, agregando sob esse comando, denominado de Operação Acolhida, um conjunto de entidades

que já atuavam no território e outras tantas que surgiram a partir de então, atraídas pela “publicidade humanitária”, que ganhou outra dimensão a partir desse momento, e/ou a convite desses atores baseados no prestígio internacional das entidades convidadas e/ou da experiência de cooperação que já possuíam com as mesmas, em outros contextos de ajuda humanitária, como foi o caso da chegada do Exército da Salvação em Boa Vista.

O breve histórico, aponta que as dinâmicas migratórias em Roraima são complexas e multifacetadas, refletindo tanto a resiliência quanto as dificuldades enfrentadas pelos migrantes e pelas comunidades receptoras. A interiorização dos migrantes venezuelanos surge como uma tentativa de distribuição equitativa da população migrante pelo território brasileiro, mas trouxe e traz consigo uma série de desafios e questões que precisam ser abordadas de forma integrada e colaborativa entre as diversas esferas governamentais e a sociedade civil.

O Contexto Migratório Da/Na Fronteira

A mobilidade transfronteiriça é uma característica própria de regiões de fronteira, onde as dinâmicas sociais, econômicas e culturais frequentemente atravessam os limites nacionais. De acordo com Oliveira (2016, 327), “[...] como fronteira, a região é um espaço de diversidade e de contradição presente em toda a Amazônia”. Isso significa que as áreas fronteiriças não são apenas pontos de separação entre países, mas também locais de encontro e interação entre diferentes culturas e práticas sociais. A presença de múltiplas influências e a constante movimentação de pessoas tornam essas regiões especialmente complexas e ricas em diversidade, refletindo as tensões e contradições inerentes às interações transnacionais. A Amazônia, em particular, exemplifica essas características de forma intensa, com uma mistura de povos indígenas, migrantes, e diversas comunidades que coabitam e interagem diariamente, criando um mosaico cultural único. Ainda nessa perspectiva, Oliveira (2016, p. 327), indica que,

A INTERIORIZAÇÃO COMO POLÍTICA MIGRATÓRIA

A interiorização tem sido apresentada, desde o final de 2018 pela Operação Acolhida como uma estratégia de acolhimento e atenção aos migrantes. A estratégia compõe o terceiro eixo de atuação da Operação Acolhida descrita como “deslocamento voluntário de

venezuelanos de Roraima para outras Unidades da Federação, com o objetivo de inclusão Socioeconômica¹¹”. Albuquerque (2022, p. 24) informa que:

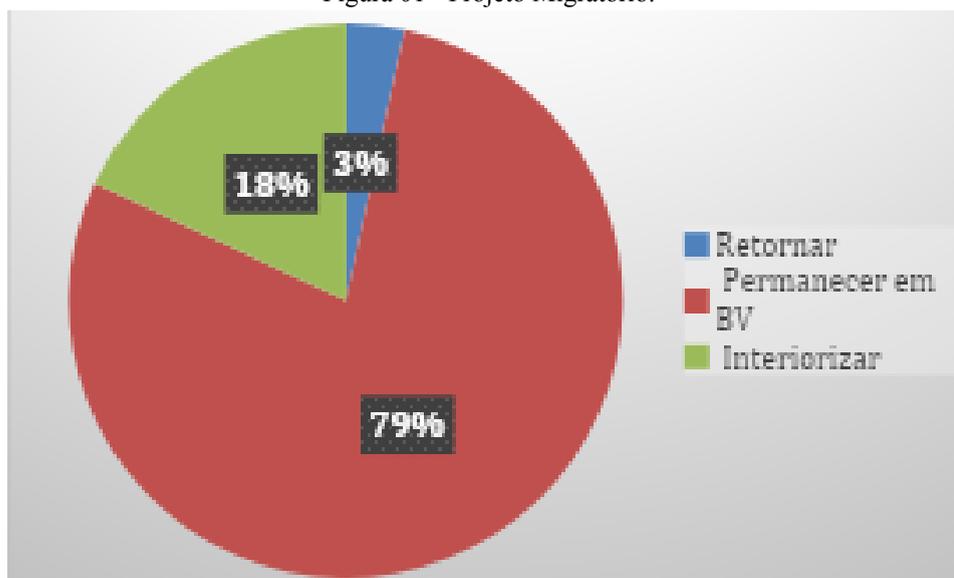
O Governo Federal por meio da Ação Orçamentária 219C financia a Operação Acolhida, que nos exercícios financeiros de 2018, 2019 e 2020, dispôs respectivamente os montantes aproximados de R\$ 265 bilhões, R\$ 270 bilhões e R\$ 303 bilhões, valores que representam os orçamentos atualizados de recursos destinados ao acolhimento humanitário, interiorização de migrantes em situação de vulnerabilidade e fortalecimento do controle de fronteiras, recursos estes gerenciados pelo Ministério da Defesa (Albuquerque, 2022, p. 24).

O referido autor coloca em debate o tema da interiorização por este representar uma das maiores cifras do orçamento destinado à Operação Acolhida. Ao mesmo tempo, a interiorização possui também um caráter político por representar uma forma de arrefecer os conflitos sociopolíticos apresentados pelo Estado de Roraima com o aumento das migrações. De acordo com Oliveira (2019) de modo especial, os discursos e práticas da classe política ultradireita e conservadora promovem xenofobia institucional.

Estas abordagens teóricas e uma infinidade de pronunciamentos políticos nas mídias locais levam a concluir que o tema da interiorização não representa, necessariamente, uma política pública migratória. Por outro lado, é o procedimento que envolve os maiores vultos econômicos da Operação Acolhida (Albuquerque, 2022). Nas entrevistas, os migrantes conversaram sobre seus projetos migratórios a partir da chegada em Roraima. A grande maioria dos participantes da pesquisa, 79% dos entrevistados, revela não ter nenhuma intenção de seguir se deslocando para outras regiões do Brasil nem para outros países vizinhos.

¹¹ Em 2018, a Operação Acolhida, resposta humanitária ao fluxo venezuelano coordenada pelo Governo Federal, implementou a estratégia de Interiorização para oportunizar às pessoas venezuelanas a realocação voluntária e gratuita a estados brasileiros com mais oportunidades de integração socioeconômica. Junto a organizações da sociedade civil e outras agências da ONU, o ACNUR garante a inclusão à interiorização das pessoas deslocadas à força, sobretudo daquelas com necessidades específicas de proteção. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/construir-futuros-melhores/solucoes-duradouras/integracao-local/interiorizacao/>. Acesso em: 09/10/2023.

Figura 01 - Projeto Migratório.



Fonte: Pesquisa de Campo (2023-2024), dados Organizados pelos/as autores/as.

Perguntados sobre qual seria o seu projeto migratório, estando em Boa Vista, dos 937 participantes, 32 responderam que, diante das dificuldades encontradas, da violência sofrida e da dificuldade de encontrar trabalho e acolhimento, gostaria de retornar à Venezuela. A jovem Orimar¹², mãe de 4 crianças entre 2 e 8 anos, afirma que tem recebido alguns auxílios dos programas sociais, entretanto:

Yo le digo que no he salido de mi país para estar peor. Allá tenía mi trabajito, mi casa, mis amigos y mi familia. Es muy duro sufrir lejos de casa con personas desconocida que respetan a los distintos y echan de menos a los más pobres que somos nosotros. Hace cuatro meses que estamos en las calles y he pensado en regresar a mi país. Allá no tenemos casi nada. Pero no pasamos humillación y no sufrimos violencia ajena como lo pasamos aquí (Entrevista n°. 114: Pesquisa de Campo, Boa Vista, maio de 2023).

De acordo com os resultados da pesquisa, a grande maioria dos participantes (736) que vivem em Boa Vista morando de aluguel ou em ocupações espontâneas não quer ser interiorizada e busca alternativas para permanecer na capital. Mesmo entre os que se inscreveram nos processos de interiorização logo que chegaram, muitos revelam insegurança diante da possibilidade de um novo deslocamento. E o caso de José, 32 anos, casado e com 2 filhos de 6 e 4 anos:

Pena llegué en Pacaraima y una oficial de la OIM me hizo una encuesta para saber que hacer conmigo y con mi familia. Luego nos propuso el tema de la interiorización. Incluso nos metieron una pulsera en el puño para identificarnos como interesados en el viaje hacia el sur de Brasil. Pero pasados un par de semanas,

¹² Todos os participantes serão identificados com nomes fictícios escolhidos por eles mesmos para garantir o anonimato e resguardar a identidade dos migrantes.

conversamos con un conocido que vive en Paraná. Él nos dijo que las cosas allá son todavía más duras y que sigue trabajando sin derechos y que el frío y las tormentas frecuentes le hacían muchos daños. Hace meses que él quiere regresar a Boa Vista, pero todavía no ha logrado el dinero (Entrevista n.º. 114: Pesquisa de Campo, Boa Vista, maio de 2023).

Fragments da narrativa de José foram identificados em muitas outras entrevistas nas quais as pessoas não demonstram intensão de viajar a outros lugares do Brasil, mas, haviam considerado a possibilidade por causa da insistência dos agentes oficiais ou das instituições que atuam na proteção aos migrantes em Pacaraima ou em Boa Vista. Joana, 24 anos, moradora do loteamento João de Barro, localizado na Zona Oeste da cidade de Boa Vista, em um terreno compartilhado entre quatro núcleos familiares, recorda que logo que chegou em Boa Vista, em setembro de 2018, “*la situación era muy dura*”. Informa que passaram muitas necessidades e muita fome. Porém, nem por isso pensaram em viajar para outros lugares do país. De acordo com a participante da pesquisa:

Sin embargo, no nos faltaron propuestas para viajar a otros sitios. La única persona que siempre nos animó a quedarnos en Boa Vista fue la hermana Telma Lage. Ella siempre nos dijo que teníamos derecho a quedarnos aquí. Ella nos presentó alternativas para quedarnos. Empezamos ahorrar dinero para comprar la tierra colectiva. Compramos material para trabajar con artesanías. Todo en colectivo. Empezamos a preocuparnos por pagar nuestras deudas. Todo por iniciativa nuestra. Nos sentimos fuertes para “hechar pa’lante”, sin tener que desplazarnos para no sé dónde (Entrevista n.º. 245: Pesquisa de Campo, Boa Vista, junho de 2023).

A narrativa de Joana coloca em debate as relações de poder na governança migratória local e as tensões do Acordo de Residência do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL)¹³. A interiorização é uma decisão superior apresentada aos migrantes como a alternativa mais viável para a inclusão social sem considerar outras possibilidades e a participação dos migrantes nas decisões. Braz (2018, p. 304) alerta que “[...] a literatura sobre o tema mostra que a governança migratória geralmente segue um processo de difusão de esquemas globais, que vêm de cima para baixo (*top-down*) para serem adotados por alguns blocos econômicos regionais”. Nessa perspectiva, a interiorização segue essa mesma lógica impositiva com importantes prejuízos para os migrantes e para as políticas migratórias locais.

As políticas migratórias locais que precisam envolver, necessariamente, os governos municipais e estaduais na condição de principais receptores das dinâmicas migratórias. A elaboração de políticas públicas para os migrantes é elaborada, como as demais, com a participação direta da população com métodos e orientações de atendimento, acolhimento e

¹³ Mercado Comum do Sul é uma organização intergovernamental regional fundada a partir do Tratado de Assunção em 26 de março de 1991. Disponível em: <https://www.mercosur.int/pt-br/>. Acesso em: 20/03/2024.

processos de inclusão social das pessoas migrantes. A interiorização não só interrompe processos organizativos e participativos dos migrantes no âmbito local, como interrompe políticas públicas específicas uma vez que as pessoas são colocadas em circulação.

Além de retardar as iniciativas locais relacionadas com as políticas públicas migratórias, a interiorização desarticula os vínculos estabelecidos nas redes migratórias e dificulta a reorganização dos migrantes nos novos deslocamentos. Sobre esse tema, Javier, 26 anos, recorda que:

Desde que llegué a Brasil, todavía en Pacaraima, me pidieron que me mudara al interior. No había trabajo para mí y mi esposa en el mismo lugar. Entonces me mandaron a Cuiabá y nos quedamos allí dos meses. La oferta de trabajo que habían prometido no se materializó. Estábamos alojados en el Centro de Pastoral de Migrantes del barrio Carumbé, en Cuiabá. No fue más difícil porque tuvimos la suerte de estar alojados en el CPM. No encontramos trabajo. En junio de 2023 falleció mi suegra en Caracas. Luego nos ayudaron con los boletos para regresar a su funeral y cuidar a mí su suegro, quien falleció meses después. En octubre regresamos a Boa Vista y ya no pretendemos entrar en el programa de reubicación porque nuestra familia todavía está muy cerca. Si es necesario, podemos regresar en cualquier momento sin pasar por el sufrimiento que enfrentamos el año anterior. Luego de nuestro segundo regreso, nos involucramos más con nuestros panas y pronto echamos *pa'lante* con proyectos sociales y trabajos colectivos que nos permiten sustentarnos sin depender del bienestar (Entrevista n°. 818: Pesquisa de Campo, Boa Vista, abril de 2024)..

De acordo com os resultados da pesquisa, quando os migrantes questionam e resistem à interiorização, conforme este fragmento narrado pela jovem Joana e por Javier, observa-se uma série de desafios e obstáculos que eles enfrentam. A narrativa de Javier ilustra como a promessa de trabalho e melhores condições de vida no interior nem sempre se concretiza, levando a desilusões e dificuldades adicionais. Além disso, a desarticulação dos vínculos estabelecidos nas redes migratórias pode resultar em um sentimento de isolamento e insegurança, dificultando a integração e a reorganização nos novos contextos. Além disso, a resistência ao programa de “reubicación” por parte de Javier e sua esposa após o retorno a Boa Vista reflete uma escolha consciente de priorizar a proximidade com a família e as redes sociais já estabelecidas. Esta decisão evidencia a importância dos vínculos comunitários e familiares para o bem-estar dos migrantes, bem como a necessidade de políticas públicas que respeitem e integrem essas redes em suas estratégias.

Em seus dados institucionais sobre a interiorização, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) informa que “já apoiou a interiorização de mais de 6.500

mil pessoas por meio de 50 CAIs¹⁴”. Afirma ainda que o programa tem conseguido atingir seus objetivos uma vez que “em média, 70% da população deixa os CAIs com renda”:

O ACNUR atua, sobretudo, em duas modalidades de Interiorização. Na modalidade Institucional, que promove a realocação de pessoas de abrigos de Boa Vista para centros de acolhida e integração (CAI) em outros estados; e na modalidade Vaga de Emprego Sinalizada, pela qual as pessoas deixam Boa Vista com uma oferta de emprego formal feita por uma empresa (ACNUR, 2024, s.p.).

Em 2021, um balanço geral da Operação Acolhida apresentava a interiorização como um “modelo” de governança migratória.

A estratégia de interiorização do Governo Federal, que leva voluntariamente refugiados e migrantes venezuelanos do estado de Roraima e de Manaus para outras cidades no país, alcançou no último mês o marco significativo de 50.475 pessoas beneficiadas, três anos após o seu início em abril de 2018. Nesse período, 675 municípios acolheram os beneficiários. O governo federal estima que cerca de 260 mil refugiados e migrantes venezuelanos vivem atualmente no Brasil. Assim, a estratégia de interiorização ajudou quase um a cada cinco venezuelanos no país a melhorar significativamente sua situação financeira, de moradia e de educação – enfim, sua qualidade de vida. Uma pesquisa conduzida pelo ACNUR (Agência da ONU para Refugiados) com 360 famílias venezuelanas interiorizadas revelou que 77% delas encontraram emprego algumas semanas após chegarem às cidades de destino (contra 7% com emprego antes da interiorização). A maioria já tinha renda suficiente para pagar aluguel, e todas as famílias tinham pelo menos uma criança na escola (contra 65% antes de serem interiorizadas). A estratégia de interiorização reduz a pressão sobre as comunidades locais que acolhem pessoas refugiadas e migrantes da Venezuela em Roraima e em Manaus, minimizando o impacto sobre os serviços e infraestruturas públicas na região. A interiorização é um dos eixos da Operação Acolhida, resposta do governo brasileiro ao fluxo de pessoas da Venezuela ao país¹⁵ (ACNUR, 2021, s.p.).

O positivismo da Operação Acolhida, no entanto, contrasta com os resultados da pesquisa aqui realizada, dois anos depois do balanço apresentado. Do total de entrevistados, somente 169 afirmaram que gostariam de seguir para outras regiões do Brasil e se inscreveram no programa de interiorização. Mesmo aqueles que estavam inscritos, quando perguntados se ficariam em Boa Vista de houvesse alternativas de permanecer, a maioria respondeu que ficaria.

A escolha da permanência em Boa Vista tem muitas justificativas. A principal delas é o fato de estar próximo da Venezuela. É o caso de Joana, 38 anos, que afirmou que “*Boa Vista está cerquita de casa y cuando sea posible regresar, lo haremos mui pronto*”. Da mesma forma, Geremias, 30 anos, afirmou que não pretende se distanciar da Venezuela porque

¹⁴ Centros de Acolhida e Integração espalhados por vários estados do Brasil.

¹⁵ Interiorização beneficia mais de 50 mil refugiados e migrantes da Venezuela no Brasil. Matéria publicada na página da OIM em 20 de abril de 2021. Disponível em: <https://brazil.iom.int/pt-br/news/interiorizacao-beneficia-mais-de-50-mil-refugiados-e-migrantes-da-venezuela-no-brasil>. Acesso em: 01/09/2023.

acredita que a situação de seu país vai melhorar logo e assim ele poderá retornar a qualquer momento. Carmen, médica sanitarista com longa atuação no Instituto Venezuelano de Seguridade Social (IVSS) comenta que:

Imaginé que podría trabajar en el sistema de salud brasileño. Sin embargo, por lo que veo, el proceso de revalidación de documentos para poder trabajar aquí en el sector salud es muy complejo. Me imagino que debe ser lo mismo en todo el país porque he estado hablando con amigos que son médicos y enfermeros, que se fueron a otros estados como São Paulo y Minas Gerais y no pudieron trabajar en el sector de la salud. He trabajado en áreas que nunca he trabajado en mi país, en actividades que descalifican mi formación. Sin embargo, para mí lo importante es trabajar. No importa si es como trabajadora en hostelería o como ayudante de cocina en un restaurante. Lo que importa es que me paguen dignamente por mi trabajo. Esto no sucedió en Venezuela. Mi salario como médica no me permitía sobrevivir con dignidad (Entrevista n°. 206: Pesquisa de Campo, Boa Vista, abril de 2023).

O caso de Carmen seria um indicativo para seguir para outros Estados para buscar melhores colocações de trabalho. Porém, nem ela nem outros profissionais da saúde que participaram da pesquisa revelaram a intenção de sair de Boa Vista. Muitos entendem que vão encontrar em outras regiões os mesmos entraves que encontram em Boa Vista para atuar na sua área de formação. As dificuldades encontradas para a revalidação dos documentos e o reconhecimento profissional também representam os maiores desafios para os migrantes. Entretanto, a situação daqueles e daquelas que não possuem formação, estudo ou qualificação para o trabalho é ainda mais complexa. No geral, quando interiorizados institucionalmente, os migrantes são acompanhando por algum oficial das agências internacionais, especialmente da OIM ou de alguma Organização não governamental.

De acordo com os resultados do rápido diagnóstico, para cada 10 migrantes em viagem, 07 viajavam com recursos próprios e somente 03 viajavam pelo programa institucional da Interiorização pela Operação Acolhida. Sobre este tema, Dany, de 20 anos viajava sozinha para se reunir com a família em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul. Embarcou num ônibus da Empresa Eucatur com passagem de Boa Vista a Campo Grande com diversas paradas e trocas de ônibus previstas no trajeto que duraria cerca de quatro dias, de acordo com a empresa.

No aeroporto, a jovem Alícia, de 26 anos, chegava de Florianópolis onde mora há 4 anos para uma visita aos pais em Puerto Ordaz, e comentou, em português tão fluente que deixou em dúvidas a pesquisadora:

Já estou viajando há dois dias. Muito tempo de Espera em Viracopos para a conexão. Agora vou de lotação até Pacaraima e atravessarei para Santa Elena. Lá seguirei com uma nova lotação que faz o trajeto direto até Puerto Ordaz. Não vejo a hora de

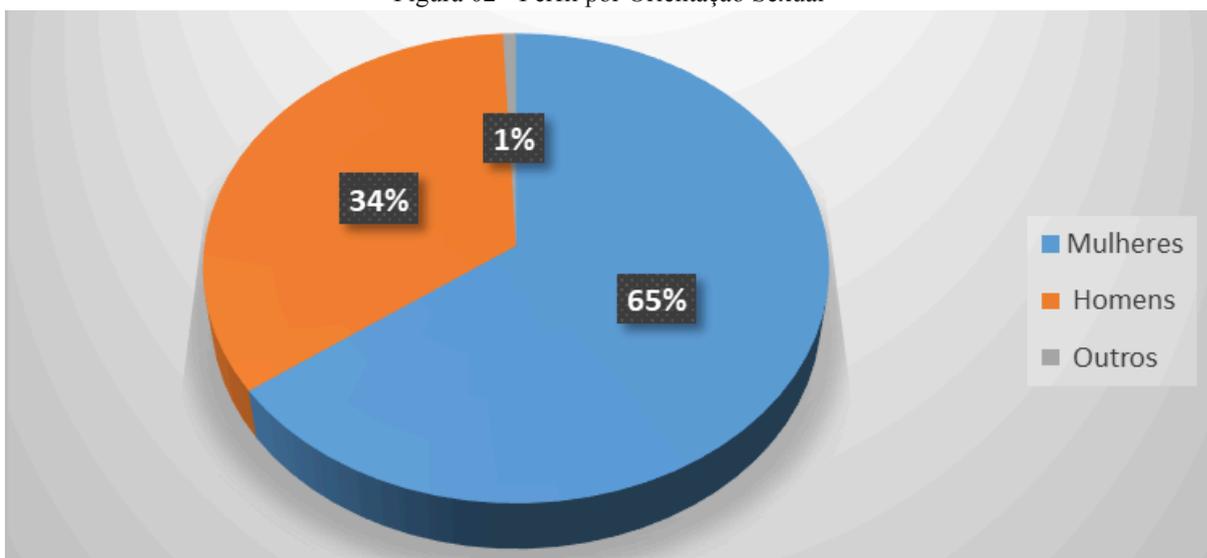
passar o aniversário da minha mãe junto com ela e meus irmãos (Entrevista nº. 354: Pesquisa de Campo, Boa Vista, junho de 2023).

Alícia comenta que viajou com recursos próprios e foi trabalhar a convite de uma amiga que já estava em “Floripa”¹⁶. Desde então, por intermédio da sua amiga, trabalha como doméstica numa mesma família que lhe paga um salário mensal do qual ela envia metade para a família e com a outra parte passa o mês. Ela conta que não conseguiu continuar os estudos porque a família empregadora tem crianças que precisam de cuidados à noite. Então, ela mora na mesma casa com a família e todas as noites cuida das crianças. Alícia informa ainda que não possui contrato de trabalho. “Foi um acordo que eu fiz com a família”, afirma a jovem. “Eles me pagam direitinho todos os meses e me informaram que no Brasil não se costuma assinar a carteira de empregada doméstica. Eu aceitei e estou me adaptando direitinho. Não tenho o que reclamar”, completa a jovem à caminho da rodoviária onde permanecerá até o dia amanhecer para seguir viagem.

O caso de Alícia oferece muitos elementos para contextualizar o tema da interiorização. Primeiramente, destaca-se a exploração do trabalho dos migrantes. Embora Alícia esteja satisfeita com o trabalho e o pagamento recebido, ela não possui um contrato formal de trabalho, o que significa que seus direitos trabalhistas não estão assegurados. A falta de assinatura na carteira de trabalho a deixa vulnerável a situações de exploração e abuso, já que não tem garantias legais de direitos básicos trabalhistas. Muitos migrantes interiorizados trabalham sem contrato de trabalho. É o caso do amigo do José, mencionado anteriormente. De acordo com as informações obtidas, o amigo de José já trabalhou em muitas empresas do ramo alimentício (conserva de alimentos) em Curitiba, capital do Paraná. Porém, de acordo com as informações, quase sempre consegue contrato temporário e quando termina o tempo previsto no contrato, ele simplesmente é demitido e contratado em outra empresa do mesmo ramo. Essa situação levanta suspeitas da existência de grupos e empresas especializadas na exploração do trabalho dos migrantes.

¹⁶ Apelido carinhoso e familiar que se dá a Florianópolis, capital de Santa Catarina.

Figura 02 - Perfil por Orientação Sexual



Fonte: Pesquisa de Campo (2023-2024). Dados Organizados pelos/as autores/as

As questões de gênero também oferecem elementos importantes para a pesquisa. Dos 937 participantes da pesquisa, mais da metade eram mulheres e o conjunto de entrevistas revela que para elas, a interiorização é ainda mais complicada por causa das crianças. Em pesquisa semelhante, Oliveira e Valerio (2020, p. 327) identificaram diversas situações que limitavam a interiorização das mulheres e muitas consequências, dentre elas, o problema do “abandono” por parte de seus maridos ou companheiros que optam pela interiorização sem considerar as obrigações familiares que sobrecarregam as mulheres.

Nessa mesma perspectiva, Nóbrega (2021) recorda que as mulheres são as principais vítimas de violência num estado recordista em violência contra as mulheres. Dessa forma, observa-se que a separação das famílias e a sobrecarga das responsabilidades das mulheres nos processos de interiorização representam também uma forma de reprodução da violência largamente sofrida pelas migrantes.

Sobre este tema, Yolanda, 38 anos, advogada de formação, confinada no antigo Abrigo Rondon 3 por 4 longos anos com 4 crianças pequenas, recorda que:

Mi pareja se fue en los primeros cupos de interiorización. Luego que llegamos al refugio, se les preguntaron se a él le gustaría irse a otro estado brasileño. De pronto él dijo que sí y luego marchó con la promesa de buscarnos muy pronto. Pero, los días pasaron y la comunicación fue terminando poco a poco. Un domingo lo llamé temprano y se me contestó una mujer brasileña. Le pregunté por él y ella contestó que era su pareja. He comprendido con esa situación que se nos había abandonado. Y así nos quedamos. Yo ocupo la mitad del día con llevar y buscar los niños en las escuelas. No tengo como salir a trabajar. Por eso, a veces, después de todo el trabajo del día, salgo a la calle a pedir en los faroles para mantener a los pequeños con lo que es posible. Este abandono ha retrasado demasiado mi vida y mis planes. Es muy duro! (Entrevista n.º. 572: Pesquisa de Campo, Boa Vista, setembro de 2023).

O caso de Amarilis é recorrente e muito similar ao de outras mulheres prejudicadas por processos de interiorização que privilegiam os homens. Isso evidencia uma dinâmica de gênero que agrava a vulnerabilidade das mulheres migrantes, muitas vezes deixadas para trás com a responsabilidade exclusiva de cuidar dos filhos e sem acesso a oportunidades de trabalho estáveis. O depoimento de Yolanda revela como a interiorização pode resultar em desagregação familiar, abandono e aumento da precariedade.

A separação forçada de sua família e a subsequente responsabilidade integral pelos cuidados das crianças limitaram drasticamente as opções de Yolanda para buscar uma vida melhor. O abandono pelo parceiro, que encontrou uma nova relação, sublinha a fragilidade dos laços familiares em contextos de migração forçada e instabilidade econômica. Essa situação obriga Yolanda a recorrer a atividades informais, como pedir dinheiro nas ruas, para sustentar seus filhos, expondo-a a ainda mais riscos e incertezas. Adicionalmente, o confinamento prolongado no abrigo também impacta negativamente a saúde mental e emocional dos migrantes. A falta de perspectivas de integração e a ausência de apoio adequado para as mulheres migrantes intensificam o sentimento de desesperança e desamparo. Essas questões, frequentemente invisibilizadas nas políticas de interiorização, necessitam de uma abordagem mais inclusiva e sensível às necessidades específicas das mulheres e crianças migrantes.

Portanto, o caso de Yolanda ilustra a complexidade das consequências da interiorização, que vão além das dimensões políticas e econômicas. É fundamental refletir sobre as questões de gênero, os impactos na estrutura familiar e a necessidade de políticas públicas que promovam a igualdade de oportunidades e a proteção social para todos os migrantes. A inclusão de uma perspectiva de gênero nas políticas de interiorização pode contribuir significativamente para a mitigação desses problemas e para a construção de um sistema mais justo e equitativo.

DINÂMICAS SUBJETIVAS E DINÂMICAS MIGRATÓRIAS: IMPLICAÇÕES PSICOSSOCIAIS DA INTERIORIZAÇÃO

Além dos aspectos práticos e logísticos da interiorização, é crucial considerar as dinâmicas subjetivas e os impactos psicológicos desse processo. A interiorização não envolve apenas a realocação geográfica, mas também a adaptação a novas comunidades, culturas e ambientes sociais, o que pode ser profundamente desafiador. Os migrantes frequentemente

enfrentam sentimentos de insegurança, ansiedade e desarraigamento, exacerbados pela perda de redes de apoio familiar e comunitário. Estes sentimentos são intensificados pelas incertezas sobre o futuro e pela necessidade de reconstruir suas vidas em territórios desconhecidos. Portanto, compreender os impactos da interiorização apresenta-se como fator fundamental para o desenvolvimento de políticas públicas e estratégias de apoio que promovam uma integração relacional eficaz aos migrantes.

A imposição da interiorização como política migratória resulta em prejuízos para uma possível governança migratória local orientada por “[...] metas e objetivos para uma migração segura, ordenada e digna para o benefício de todos” (OIM, 2022). Mesmo com resultados quantitativamente positivos apresentados nos relatórios institucionais, há que se avaliar as resistências à interiorização e os desgastes que essa imposição provoca nos migrantes.

Uma análise geral das narrativas identifica importantes sofrimentos causados pelo segundo deslocamento e até mesmo pelo retorno da interiorização. O sofrimento emocional também foi identificado nas pessoas em processo de preparação para a interiorização e naquelas que foram convidadas e recusaram a proposta de interiorização.

Desplazarme a otro estado es algo que me molesta mucho. Desde que recibí este brazalete de identificación, me ha invadido la ansiedad y he dormido muy poco. Sigo pensando en todo lo que me espera en un lugar donde no conozco a nadie. Y me desespero al pensar que nadie me espera (Carla, 29 años, Entrevista n.º. 723: Pesquisa de Campo, Boa Vista, janeiro de 2024).

A literatura sobre migração destaca a ansiedade como uma resposta comum associada à incerteza e à perda de controle (Franken; Coutinho; Ramos, 2012). O uso de identificadores, como o bracelete mencionado por Carla, pode intensificar sentimentos de estigmatização e perda de autonomia (Van der Kolk, 2014). Indubitavelmente, a inserção de sujeitos políticos fragilizados acaba sendo uma estratégia que como consequência produz e acentua a vulnerabilidade já existentes. Ainda, em outras narrativas, é possível perceber outras implicações psicossociais decorrentes do processo de interiorização:

Cuando a mí me dijeron de la posibilidad de mudarme, sentí que no era bienvenida en Boa Vista. Sentí que no había lugar para mí y que debía seguir buscando un lugar donde me quisieran. Puede ser que fuera la forma en que me lo dijeron que no me calló bien. Pero, la verdad es que esto me dejó muy desahuciada. Por muchos días me preguntaba si hubiera sido desagradable al rechazar la propuesta (Matea, 36 años, Entrevista n.º. 798: Pesquisa de Campo, Boa Vista, março de 2024).

Vivo en el barrio União desde 2019. Pena llegué aquí en 2018, y viajé directamente a Manaus porque mi hermana vivía allí. No he podido acostumbrarme con la forma de vida de allá. La ciudad es muy grande. Todo lo que uno necesita está muy lejos. La escuela de los niños estaba muy lejos. No logré ingresar en ningún trabajo. Fue mucho sufrimiento. Cuando mi pareja se fue, decidí regresar a Boa Vista para vivir

con mi madre. Experimenté un sentimiento muy fuerte de derrota por la separación y por el regreso a Boa Vista. Es como si fuera un fracaso. Me tomó mucho tiempo recuperarme. Ahorita me siento mucho mejor. Pero la verdad es que tuve que tomar las medicinas para la depresión. Verdaderamente estaba muy deprimida y agotada (Juana, 26 anos, Entrevista n.º. 802: Pesquisa de Campo, Boa Vista, abril de 2024).

Tan pronto como llegué, me dijeron que fuera a Curitiba a trabajar en una fábrica de conservas. Sin embargo, después de hablar con amigos que me contaron cómo era la vida allí, decidí quedarme aquí. Sufrir por sufrir, es mejor vivir aquí cerca de mi país y con mis panas (Hipólita, 52 anos, Entrevista n.º. 855: Pesquisa de Campo, Boa Vista, abril de 2024).

As narrativas convergem em torno de sentimentos de deslocamento, adaptação e retorno, bem como na escolha pela comunidade. Uma das entrevistas relata, por exemplo, que optou por voltar a morar em Boa Vista, devido à proximidade com a família. Sentimentos de rejeição e deslocamento são frequentemente relatados por migrantes, especialmente quando enfrentam comunicação ineficaz ou insensível das autoridades/orgãos competentes que são responsáveis pelo proceso de interiorização. A percepção de não ser bem-vindo pode levar a um estado de desamparo aprendido, exacerbando a desesperança (Seligman, 1972).

A dificuldade de adaptação em áreas urbanas maiores, como Manaus, é bem documentada, especialmente entre migrantes que se sentem isolados e sem redes de apoio (Portes; Rumbaut, 2001). O retorno a Boa Vista pode estar associado à teoria do 'stress aculturativo', que sugere que a falta de suporte e a pressão para se ajustar a um novo ambiente causam estresse significativo (Berry, 2006). Neste sentido, a escolha de permanecer em Boa Vista reflete a importância das redes sociais e da comunidade para o bem-estar dos migrantes. A proximidade com a comunidade de origem pode proporcionar um senso de segurança e pertencimento, essencial para a saúde mental e a integração social (Wong, 2015).

Imagino que el viaje está planteado para los próximos meses. Es todo muy inseguro. No sé qué pasará. No se sabe todavía para donde se nos desplazan. Sin embargo, imagino que será más fácil encontrar trabajo. Aquí experimentamos todo tipo de humillaciones y privaciones. Mucho duro (Diego, 28 anos, Entrevista n.º. 876: Pesquisa de Campo, Boa Vista, maio de 2024).

Llevo dos meses esperando para viajar a São Paulo. Sin embargo, mi esposa y mis dos hijos se quedarán aquí. Los niños están en la escuela y tendrán que esperar hasta fin de año para acompañarme. Esto me trae mucha angustia (Gabriel, 33 anos, Entrevista n.º. 901: Pesquisa de Campo, Boa Vista, maio de 2024).

A insegurança sobre o futuro é uma característica comum entre migrantes, muitas vezes exacerbada pela falta de informações claras sobre as políticas de interiorização (Castles, 2010). No entanto, a esperança de encontrar melhores oportunidades de emprego é ainda um fator que motiva a participação dos migrantes no processo de interiorização. Ao mesmo tempo, a separação familiar é um fator de estresse significativo e que frequentemente está

associado a problemas de saúde mental entre migrantes (Falicov, 2005). A angústia de Gabriel reflete os desafios emocionais e logísticos da migração, que podem ser mitigados por políticas de reunificação familiar mais eficazes (Hugo, 2011).

Voy a desplazarme por reunión familiar. Me voy con mi mamá que vive en una ciudad cerca de Curitiba. Pero, me dá pena por dejar a mi novia. He sufrido mucho con esta decisión. Sin embargo, no depende sólo de mí. mi mamá también me necesita (Samuel, 37 anos, Entrevista n.º. 922: Pesquisa de Campo, Boa Vista, maio de 2024).

O dilema enfrentado por Samuel destaca a complexidade das decisões de migração, onde as necessidades familiares frequentemente entram em conflito com os desejos pessoais durante o segundo deslocamento. A literatura sugere que esses sacrifícios podem levar a sentimentos de culpa e sofrimento emocional (Silva; Bucher-Maluschke, 2018), mas também reforçam os laços familiares e a responsabilidade intergeracional. No entanto, esse fator pode ser, ao mesmo tempo, prejudicial, gerando dilemas, preocupações e adoecimentos concomitantes a interiorização.

Primeramente ingresé a Colombia en el 2015. Me estaba acostumbrando, pero mi esposa me dejó y decidí irme a Perú. Allí fue muy complicado. Ni siquiera conseguí documentos para quedarme allí dignamente. En 2019 encontré unas personas vendiendo boletos directamente desde Puerto Ayacucho a Porto Velho. Pasé unos meses allí. Pero todavía estaba sin papeles. Una amiga me dijo que para sacar documentación necesitaba viajar a Santa Elena. Conseguí un boleto de autobús y a principios de 2020 viajé hasta aquí. Fue entonces cuando llegó la pandemia. Con la frontera cerrada esperé casi un año. Vivía en la calle como un perro. Me entregué a beber. He sufrido demasiado. Sin dirección. Hasta que me acogieron en el refugio. Me dieron los documentos y me sentí mejor. No quiero ni pensar en desplazarme para otro sitio (Santiago 49 anos, Entrevista n.º. 927: Pesquisa de Campo, Boa Vista, maio de 2024).

A trajetória de Santiago, marcada por múltiplas deslocações e dificuldades significativas, oferece uma visão profunda sobre as dinâmicas da migração forçada e as implicações psicológicas associadas ao deslocamento. A documentação é um dos principais desafios enfrentados por migrantes, muitas vezes associada à vulnerabilidade e à exploração. A experiência de Santiago destaca a importância da regularização e do acesso a serviços de apoio e para a reintegração no país. A dificuldade em obter documentação legal reflete um dos maiores obstáculos enfrentados pelos migrantes na América Latina. Cornelius e Rosenblum (2005), relatam que a falta de documentos dificulta o acesso a serviços essenciais, como saúde e educação, e impede a inserção no mercado de trabalho formal. A migração indocumentada expõe os indivíduos a situações de vulnerabilidade extrema, conforme destacado por Santiago, que viveu na rua e enfrentou problemas com o alcoolismo. A

experiência de viver “*como um cachorro*” e entregar-se à bebida aponta para o profundo impacto psicológico da migração forçada. Estudos como o de Bhugra e Gupta (2011) demonstram que migrantes frequentemente enfrentam altos níveis de estresse, ansiedade e depressão, exacerbados pela incerteza e pela falta de suporte social. A pandemia de COVID-19 agravou ainda mais essa situação, isolando migrantes e interrompendo processos de regularização e integração.

As narrativas também ressaltam a importância dos refúgios e das redes de apoio na recuperação e na reintegração dos migrantes. A intervenção de organizações humanitárias, que fornecem abrigo e assistência na obtenção de documentos, é crucial para mitigar os efeitos negativos da migração forçada. Conforme observado por Kirmayer et al. (2011), a existência de suporte social e institucional pode melhorar significativamente a saúde mental e o bem-estar dos migrantes. Ao mesmo tempo, as narrativas também evidenciam a complexidade das experiências migratórias, onde fatores legais, sociais e psicológicos se entrelaçam, criando um panorama desafiador para os indivíduos envolvidos. A análise desses relatos é essencial para informar políticas públicas que visem a proteção e a integração dos migrantes e para o cuidado no desenvolvimento das políticas de interiorização.

Os relatos revelam uma série de desafios logísticos associados por desafios emocionais e sociais e logísticos associados ao processo de migração e interiorização. Os sentimentos de ansiedade, rejeição, angústia e desespero são comuns, refletindo as dificuldades de adaptação e a incerteza sobre o futuro. A importância das redes de apoio, a proximidade com a comunidade de origem e a comunicação eficaz sobre as políticas de interiorização emergem como fatores cruciais para o bem-estar dos migrantes. Políticas mais inclusivas e sensíveis às necessidades individuais podem melhorar significativamente a experiência dos migrantes nesta dinâmica migratória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa permitiu observar as novas dinâmicas de ocupação dos espaços em Boa Vista e, ao mesmo tempo, ouvir os migrantes sobre os processos de inclusão social por meio da interiorização. Foi possível, também, verificar que a crescente migração em Roraima se apresenta como um grande desafio para a população local e, principalmente para os governos em suas diversas instâncias. Os resultados da pesquisa de campo compreenderam o processo de interiorização a partir das experiências narradas pelos sujeitos em processo de

interiorização e/ou interiorizados pela Força-Tarefa Operação Acolhida, que tem na estratégia de interiorização uma de suas vertentes, enaltecida como um grande sucesso. Do ponto de vista quantitativo, a estratégia de interiorização ou “deslocamentos assistidos de venezuelanos”, entre abril de 2018 e maio de 2024, interiorizou 134.071 pessoas para diversos municípios em todo o país. Isso representa mais ou menos um 1/5 da população venezuelana que está no Brasil, segundo a OIM (2024). No entanto, a pesquisa nos trouxe elementos necessários para pensar essa ação governamental. Um dos problemas apresentados pelos interlocutores da pesquisa, mas também por outras pesquisas realizadas por essa equipe, é o *viés de observação* ou viés do observador, uma vez que pode facilmente causar resultados significativos, embora falsos (Pinto, et. al, 2021).

A avaliação sobre o processo de interiorização das agências internacionais é realizada por pesquisadores vestindo a identificação das agências internacionais ou governo, ou mesmo em espaços institucionalizados onde o migrante, vulnerável e inseguro, quanto à sua sobrevivência, responde se tem pretensão de ficar no Brasil ou migrar para outro estado ou país. Diversos depoimento de migrantes pesquisados sobre o mesmo tema, em espaço diverso, demonstrou outra realidade.

A pesquisa aqui realizada demonstrou que a migração forçada pela necessidade de sobrevivência, muitas vezes, se dá sem a inexistência de um projeto migratório pensado e elaborado pelos migrantes. Isso os torna vulneráveis às pressões para que viagem a outros municípios, que tenham esperanças de logrem empregos e melhores condições de vida. A extenuante jornada migratória desde a Venezuela e, em um segundo momento, para outros estados do Brasil agravam, ainda mais, as condições de adoecimento psíquico. Os resultados das entrevistas indicam que a interiorização pode contribuir para o retardo de políticas migratórias verdadeiramente efetivas com a participação ativa dos migrantes. Apresentada como uma alternativa emergencial, a interiorização, nas proporções que tem sido realizada em Roraima, só se justificaria mesmo no âmbito das emergências. A interiorização é uma decisão superior apresentada aos migrantes como a alternativa mais viável para a inclusão social sem considerar outras possibilidades e a participação dos migrantes nas decisões.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Janison Machado de. **Auditoria Social dos ‘Negócios Migratórios’ das ações de assistência emergencial e humanitária em Roraima**. Boa Vista, RR: Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras – Universidade Federal de Roraima, 2022.

ÂNGELO, Germano Lopes. **Matica: migrantes venezuelanos e trabalho temporário em Boa Vista-RR**. Boa Vista: Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Roraima, 2021.

ACNUR - **Operação Acolhida atinge a marca de 100 mil refugiados e migrantes venezuelanos interiorizados em 930 municípios do Brasil**. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2023/03/31/operacao-acolhida-atinge-a-marca-de-100-mil-refugiados-e-migrantes-venezuelanos-interiorizados-em-930-municipios-do-brasil/>. Acesso em: 02/12/2023

ACNUR - **Integração de Venezuelanos Refugiados e Migrantes no Brasil**. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2021/05/5-pages-Integration-of-Venezuelan-Refugees-and-Migrants-in-Brazil-pt.pdf> Acesso em: 02/12/2023

ACNUR - **Interiorização no Brasil beneficia mais de 100 mil venezuelanos**. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2023/04/04/apos-5-anos-estrategia-de-interiorizacao-no-brasil-beneficia-mais-de-100-mil-venezuelanos/>. Acesso em: 02/12/2023

ACNUR. **Interiorização beneficia mais de 50 mil refugiados e migrantes da Venezuela no Brasil**. 2021. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2021/04/20/interiorizacao-beneficia-mais-de-50-mil-refugiados-e-migrantes-da-venezuela-no-brasil/>. Acesso em: 29 jun. 2024.

AVRITZER, Leonardo. Sociedade civil e Estado no Brasil: da autonomia à interdependência política. **Opinião Pública**, v. 18, n. 2, p. 383–398, nov. 2012.

BERRY, John, W. Immigration, acculturation, and adaptation. **Applied Psychology**, v. 46, n. 1, p. 5-34, 1997.

BHUGRA, Dinesh; GUPTA, Susham. **Migration and Mental Health**. Cambridge University Press, 2011.

BRAZ, Adriana Montenegro. A governança migratória na América do Sul: a difusão de baixo para cima (bottom-up) do Acordo de Residência do Mercosul. **Revista de Administração Pública**. Rio de Janeiro, vol. 52(2), p. 303-320, mar. - abr. 2018.

CORNELIUS, W. A.; ROSENBLUM, M. R. Immigration and politics. **Annual Review of Political Science**, v. 8, p. 99-119, 2005.

FALICOV, Celia. J. Emotional transnationalism and family identities. **Family Process**, v. 44, n. 4, p. 399-406, 2005.

FRANKEN, Ieda.; COUTINHO, Maria da Penha de Lima; RAMOS, Maria Natália Pereira. Representações sociais, saúde mental e imigração internacional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 32, n. 1, p. 202–219, 2012.

HUGO, Graeme. Economic migration and Indonesia's regional development. **Population, Space and Place**, v. 17, n. 5, p. 407-424, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Boa Vista - RR**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rr/boa-vista.html>. Acesso em: 29 jun. 2024.

KIRMAYER, Laurence. J. et al. Common mental health problems in immigrants and refugees: general approach in primary care. **Canadian Medical Association Journal**, v. 183, n. 12, p. E959-E967, 2011.

NÓBREGA Débora Gomes de Figueirêdo. **Feminização das migrações e violência contra as mulheres venezuelanas em Roraima**. Boa Vista: Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima, 2021.

OIM. **Interiorização beneficia mais de 50 mil refugiados e migrantes da Venezuela no Brasil**. Boletim OIM, 20 de abril de 2021. Disponível em: <https://brazil.iom.int/pt-br/news/interiorizacao-beneficia-mais-de-50-mil-refugiados-e-migrant-es-da-venezuela-no-brasil>. Acesso em 01/09/2023.

OIM. **Governança Migratória Local: Ferramentas e Métodos**. Organizado por Marcelo Torelly, Ana Laura Anschau e Anelise Dias. Brasília: Organização Internacional para as Migrações, 2022.

OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro. **A Migração Venezuelana no Brasil: crise humanitária, desinformação e os aspectos normativos**. In: **R. bras. Est. Pop.**, Belo Horizonte, v.34, n.1, p.171-179, jan./abr. 2017

OLIVEIRA, Márcia Maria de. **Dinâmicas Migratórias na Amazônia Contemporânea**. São Carlos: Editora Scienza, 2016.

OLIVEIRA, Márcia Maria de. **Xenofobia institucional**. Manaus: Amazonas Atual, 2020. Disponível em: <https://amazonasatual.com.br/xenofobia-institucional/> Acesso em: 09/10/2023.

OLIVEIRA, Márcia Maria de; VALERIO, Joel. **Dimensão participativa e sociotransformadora dos migrantes em Boa Vista**. In: OLIVEIRA, Márcia Maria de; LUTTNER, Cristina Mendes Altavilla; SANTOS, Raphael Douglas Macieira dos (Orgs.). **Coletânea Migração & Wash reflexões sobre o contexto de Roraima v. 1**. Boa Vista Editora da UFRR, 2020.

OLIVEIRA, Marinete Nunes; OLIVERA, Marcia Maria de. Saúde e Migrações em Roraima. In: REGINENSI, Caterine; RODRIGUES, Francilene dos Santos; DREBES, Laila Mayara (Org.). **Entre fronteiras, cidades e ruas: experiências de migrantes e ambulantes**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2021.

PORTES, Alejandro.; RUMBAUT, Rubén. **Legacies: The Story of the Immigrant Second Generation**. University of California Press, 2001.

PINTO, Rafaela da Silveira; POLMANN, Helena; MASSIGNAN, Carla; STEFANI, Cristine Miron; CANTO, Graziela de Luca. Tipos de vieses em estudos observacionais. In: CANTO, Graziela de Luca; STEFANI, Cristine Miron; MASSIGNAN, Carla (Org.). **Risco de viés em revisões sistemáticas: guia prático**. Florianópolis: Centro Brasileiro de Pesquisas Baseadas em Evidências – COBE UFSC, 2021. Cap. 4. Disponível em: <https://guiariscocodieviescobe.paginas.ufsc.br/capitulo-4-tipos-de-vieses-em-estudos-observacionais/>. Acesso em: 29 jun. 2024.

RODRIGUES, Francilene dos Santos. **Garimpagem e Mineração no Norte do Brasil**. Manaus: LUA, 2017.

RODRIGUES, Tatiane Daby de Fatima Faria; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SANTOS, Josely Alves dos. As pesquisas qualitativas e quantitativas na educação. **Revista Prisma**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 154-174, 2021.

SELIGMAN, Martin. Learned Helplessness. **Annual Review of Medicine**, v. 23, p. 407-412, 1972.

SILVA, Jonas Carvalho; BUCHER-MALUSCHKE, Júlia Sursis Nobre Ferro. Psicologia dos Deslocamentos e Migração Forçada: uma revisão sistemática da literatura científica. **Estudos de Psicologia** (Campinas), v. 35, n. 2, p. 127-136, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02752018000200002>. Acesso em: 29 jun. 2024.

SCHNEIDER, Eduarda Maria; FUJII, Rosangela Araujo Xavier; CORAZZA, Maria Júlia. Pesquisas qualiquantitativas: contribuições para a pesquisa em ensino de ciências. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 9, p. 569-584, dez. 2017.

VAN DER KOLK, Bessel. **The Body Keeps the Score: Brain, Mind, and Body in the Healing of Trauma**. Viking, 2014.

WONG, Lloyd. Transnationalism, active citizenship, and belonging in Italy. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 41, n. 13, p. 2113-2132, 2015.